

Trabalho



OPINIÃO



PAULO PEREIRA DA SILVA (Paulinho)
Presidente da Força Sindical

Centrais reafirmam “Compromisso pelo Desenvolvimento”

Com o agravamento da crise que vem debilitando o cenário econômico nacional, e causando impactos sociais de difícil absorção, com o desemprego alcançando índices alarmantes, uma Previdência Social à beira de um colapso, juros exorbitantes e uma distribuição injusta de renda, entre outras demandas, as Centrais Força Sindical, NCST, UGT, CUT, CSB e CTB decidiram intensificar a luta por um Brasil desenvolvido e mais justo socialmente.

Por isto representantes dos trabalhadores e do patronal formalizaram, em 2015, o documento “Compromisso pelo Desenvolvimento”, um conjunto de propostas, que foi entregue ao governo, visando fazer com que o País retome o caminho do desenvolvimento econômico e social no médio e no longo prazo, com sustentabilidade social.

Entre as propostas apresentadas destacamos a rápida retomada dos investimentos em infraestrutura produtiva e no setor de energia; o destravamento do setor da construção; e o aumento da produção e das exportações, além do fortalecimento do mercado interno para aumentar o consumo, o emprego, a renda e os direitos sociais.

Agora, dada a constância da recessão econômica, as Centrais decidiram voltar a estas discussões e reabrir o Fórum de Debates sobre Políticas de Emprego, Trabalho e Renda e Previdência Social, criado justamente com a finalidade de recolocar o País nos eixos.

Só assim conseguiremos superar os atuais entraves aos investimentos, incrementar a produtividade, gerar empregos, aumentar a renda, corrigir a política econômica atual e o regime fiscal, além de sanar a atual situação da Previdência.

40 HORAS SEMANAIS

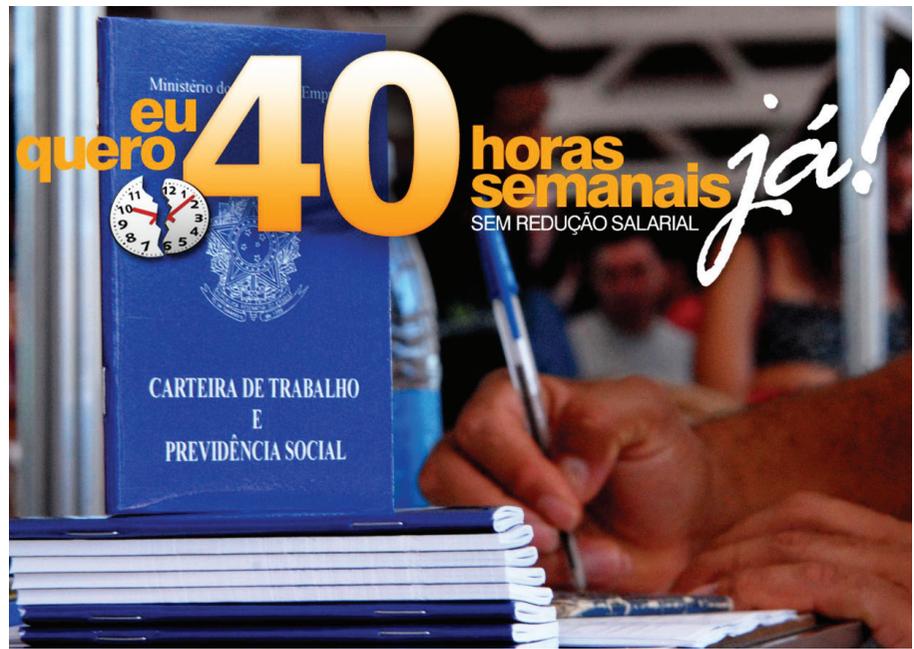
Centrais Sindicais intensificam campanha

Defesa da jornada de 60 horas pela CNI provoca indignação nos dirigentes sindicais

A proposta do presidente da CNI (Confederação Nacional da Indústria), Robson Braga de Andrade, feita ao governo, de aumentar a jornada semanal de trabalho de 44 horas para 60 horas (12 horas diárias), provocou a indignação e o repúdio das Centrais Sindicais e reacendeu a luta pela jornada de 40 horas semanais. Trabalhar 40 horas semanais está em consonância com o que há de mais moderno, sem comprometer a competitividade no mundo, pois países como Canadá, Estados Unidos e Suécia adotam este modelo.

Um dos inúmeros benefícios da redução de 44 horas para 40 horas semanais de trabalho, sem redução de salários, é a criação de um círculo virtuoso, pois gera empregos no País, especialmente neste período de crise econômica. “É uma medida excelente para a população e também para as empresas, que terão a chance de aumentar seus lucros, já que o emprego está diretamente ligado ao consumo de bens. Em resumo: todo mundo ganha”, declara Paulo Pereira da Silva, Paulinho, presidente da Força Sindical e deputado federal pelo Solidariedade – São Paulo.

“Com 44 horas semanais de trabalho, incluindo as duas horas extras permitidas pela legislação, a jornada brasileira vai até 54 horas e, por este motivo, temos de intensificar a mobi-



lização para as 40 horas se tornarem realidade. Fruto desta pressão e negociações coletivas, temos, hoje, mais de 30 categorias usufruindo das 40 horas”, declara João Carlos Gonçalves, Juruna, secretário-geral da Força Sindical. A redução da jornada desperta o interesse de todos os trabalhadores que desejam conviver mais com a família, estudar mais, ter lazer e descanso.

“O crescimento econômico é sempre determinado pela demanda. Neste sentido, o emprego gerado pela redução da jornada de trabalho sem redução de salários tem, por um lado, potencial de puxar o crescimento econômico, e, por outro, tem um componente redistributivo. Ademais, o Brasil possui um número elevadíssimo

de assalariados trabalhando mais do que a jornada legal. Em 2015, em São Paulo, este número chegou a 25,3%; em Salvador, este número chegou a 34,7%”, segundo a PED/Dieese.

Aqui estamos tratando de jornada efetiva. A análise ‘Custo do Trabalho, produtividade e competitividade: evolução recente e comparações internacionais’, da CNI, elaborado com dados do Bureau of Labor Statistics (BLS), sobre o custo do trabalho, constata que o custo do trabalho no Brasil é relativamente baixo, sobretudo se comparado a países como os EUA e a Zona do Euro: enquanto no Brasil o custo é US\$ 11,20 por hora, na Zona do Euro o custo é de US\$ 41,27, nos EUA US\$ 35,67 e na Argentina US\$ 18,87”, observa Altair Garcia, técnico do Dieese.

BACHARELADO

Dieese abre inscrições para curso

Reposicionar o tema do trabalho na sociedade e na academia a partir da visão do trabalhador, fazendo com que a questão seja reconhecida como relevante por toda a sociedade, é a principal finalidade do curso de Bacharel em Ciências do Trabalho, oferecido pela Escola do Dieese (Depto. Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

As inscrições vão até 29 de julho e, segundo, Sirlei Márcia de Oliveira, diretora da Escola do Dieese, o curso foi reconhecido pelo Ministério da Educação – MEC, em nov/2014, e em uma escala de um a cinco o curso atingiu nota quatro. “Poucos cursos de bacharelado no País tem o nível de excelência na avaliação feita pelo MEC”, ressalta Sirlei.

A graduação tem duração de 3 anos (6



Formatura da primeira turma do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho – setembro/2015

semestres) e será ministrada no período noturno. Sirlei, que também é coordenadora do curso, alerta para o número reduzido de vagas, 40 no total. “A metodologia de ensino é voltada para que o aluno, entre outras coisas, possa desenvolver pesquisas como parte de um projeto que reflita valores e necessidades da classe trabalhadora”, explica.

Mais informações acesse o site: <http://escola.dieese.org.br>

FORÇA SINDICAL NA LUTA PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES

www.fsindical.org.br

twitter.com/centralsindical

facebook.com/CentralSindical